



**LETRAMENTO CRÍTICO:
uma proposta de uso do *Facebook* nas aulas de língua inglesa**

Joana Rodrigues Moreira-Leite*

RESUMO

Pretendo neste artigo discutir e refletir algumas formas de conceber o processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa utilizando a rede social *Facebook* para práticas dos novos letramentos. Nesta concepção, apresento uma alternativa de aula que se inclui na proposta do letramento crítico por entender que as aulas de LI não devem focalizar apenas os aspectos gramaticais, mas contribuir para que a língua seja significativa para as práticas sociais, permitindo que o aluno seja questionador a respeito das possibilidades apresentadas.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Letramentos. *Facebook*.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Pacheco e Amorim (2007), as línguas estrangeiras fizeram parte do contexto histórico do país desde a chegada da família real portuguesa, em 1808, instituindo o ensino de Inglês e Francês para fins comerciais. A língua estrangeira (LE), até chegar às atuais abordagens de ensino, passou portanto ao longo dos anos por várias reestruturações metodológicas procurando se adaptar a um método que fosse considerado ideal para uma aprendizagem eficaz. Para entender esse processo de ensino de LE, vale ressaltar brevemente algumas questões históricas.

Para Pedreiro (2013) o ensino de LE no mundo já existe a cerca de cinco mil anos. Sua existência se justifica devido às necessidades de comunicação entre os povos, principalmente, por interesses comerciais. Neste período inicial prevalecia o método direto (doravante MD) em que se estabelecia contato direto com a língua-alvo sem intermédio da língua materna. Depois, houve um período que não se encontra registros de que métodos foram utilizados para

* Mestranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso.

o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Contudo, o ensino de LE, continuou sendo necessário para a comunicação humana em vários aspectos, surgindo desta forma, outros métodos como o de Gramática e Tradução (GT), que se baseava na leitura, na escrita e na tradução e, com isso, não valorizava tanto a oralidade. Por volta de 1950 a 1960 surgiu nos Estados Unidos o método áudio-lingual (AL) que chegou ao Brasil entre 1960 e 1970. Essa abordagem de fundamentos behavioristas tinha como proposta o condicionamento do aprendiz para uso da língua por meio de repetições e memorizações. Porém, foi em meados de 1970, que passou a existir o método comunicativo que direcionava o ensino de LE para comunicação.

A abordagem comunicativa começou exercer importância no ensino de LE no país, por considerar que os sentidos se construam no significado e na interação. Esta modalidade se caracteriza pela experiência de aprender por atividades de interesse e necessidade do aluno para que este pudesse interagir com outros falantes da língua-alvo, todavia, não descartava o estudo de regras gramaticais (ALMEIDA FILHO, 1993). Este método teve grande relevância para o ensino de línguas, sobretudo para a Língua Inglesa, por ser uma das línguas estrangeiras mais estudadas devido ao seu *status* de língua mundial, importante para fins comerciais, principalmente, quando se trata do fenômeno de globalização.

Neste aspecto, optamos evidenciar que abordar comunicativamente o ensino de LI não é suficiente para que o aprendiz atue na sociedade de maneira crítica e reflexiva na contemporaneidade, portanto, cabe uma reflexão sobre as questões dos novos letramentos salientadas por Monte Mór (2012), Duboc e Ferraz (2011), Mattos e Valério (2010), Edmundo (2010).

Sendo assim, para abordar algumas questões sobre o ensino de Língua Inglesa (LI), proponho neste trabalho mostrar uma proposta de uso do *Facebook* em contextos escolares, com foco no letramento crítico. Para isto, procurei estabelecer subtemas para elencar assuntos que considero pertinentes.

No item 2, trago uma reflexão sobre a tecnologia e as aulas de línguas em que relaciono o ensino de Inglês e a tecnologia, pois ambos convergem em alguns períodos devido ao pensamento de se proporcionar um ensino de LI eficaz com base em métodos que balizaram os processos de ensino/aprendizagem no decorrer das décadas.

Na parte 3, reflito brevemente sobre as ‘novas’ tecnologias e as práticas de letramentos em LI, explicitando a relevância de uma nova postura para o ensino de Inglês, entendendo as práticas de letramentos como aspecto importante para que o aprendiz usufrua da língua para

produção de sentido em sua vida e sejam agentes questionadores diante das possibilidades que lhes são apresentadas.

No item 4, destaco o subtítulo, ‘Aulas de Língua Inglesa: O que é possível fazer na escola?’ Este tópico permite apresentar estudiosos que abordam sobre letramento crítico e algumas concepções sobre o assunto, pois ao tentar responder o questionamento deste item não pretendi explicitar nenhuma verdade, mas propor uma possibilidade a ser refletida por professores de LI.

O subitem, ‘*Facebook* e o ensino de Língua Inglesa em uma perspectiva crítica’, retoma o que foi discutido anteriormente, contudo, busco mostrar uma proposta para que educadores reflitam e avaliem com olhares voltados as suas ações, pensando como poderiam propor uma aula para seus aprendizes fomentando temas sociais que permitissem trazer questionamentos sobre o papel do aluno-cidadão para o atual contexto sócio-histórico. Para a última parte, surgem as considerações para fechamento do trabalho e algumas provocações em termos de repensar o ensino de LI nas escolas em tempos de contemporaneidade.

2 A TECNOLOGIA E O ENSINO DE LÍNGUAS

O contexto de ensino de Língua Inglesa mostra indicações que, ao longo do tempo, a tecnologia se fez presente independentemente do método utilizado. As experiências dos aprendizes de LI foram/são balizadas pelo uso das tecnologias e de como estas eram/são utilizadas para a aprendizagem da língua-alvo. Paiva (2008) faz uma breve retrospectiva sobre o ensino de línguas mediado por tecnologias e aponta alguns dos principais recursos que marcaram este processo, tais como: livro, fonógrafo, gravador de fita magnética, rádio, televisão, CD-ROM, DVD e o computador.

A partir da existência do fonógrafo ocorreu uma mudança na configuração das aulas e se sustentou a ideologia de que seria possível que aprendizes falassem eximamente devido ao contato por meio de áudio com vozes dos nativos. Desta forma, os métodos que fizeram parte do processo de ensino de Inglês adotaram essas tecnologias disponíveis objetivando que o aprendiz se tornasse cada vez mais fluente na língua.

Partindo desse pressuposto, o ensino de LI não se dissocia das tecnologias. Na contemporaneidade cada vez mais as invenções tecnológicas têm contribuído para práticas de ensino de Língua Inglesa. Porém, é importante ressaltar que, se em algumas abordagens de ensino prioriza-se a língua com foco em estruturas gramaticais sem considerá-la um constructo social, alguns pesquisadores da pós-modernidade que abordam letramento crítico,

tais como, Monte Mór (2012); Duboc e Ferraz (2011); Mattos e Valério (2010), entre outros, têm questionado este ensino desprovido de sentidos para o aprendiz. Essa posição teórica aponta ponderações de que a língua não é homogênea e, que o sujeito precisa usá-la para questionar a realidade social. Além disso, para recorrer sobre a questão da homogeneidade lingüística, Makoni e Meinhof (2006) ressaltam que cada indivíduo possui suas características dependendo de fatores sociais e históricos. Por conseguinte, esta ideia expõe que a língua/linguagem apresenta valores diferenciados para cada um de acordo com seu contexto de vida e que a sociedade é constituída pela heterogeneidade. Neste caso, os sentidos podem ser construídos socialmente de maneira crítica.

Segundo Sateles e Almeida Filho (2010), apesar das abordagens de ensino de LI adotadas pela escola priorizarem mais o ensino de gramática em atividades escolares, outras reflexões com base em estudiosos contemporâneos tais como, Edmundo (2010), Monte Mór (2012) têm sugerido que é possível se fundamentar em um ensino que trate a língua-alvo para uso em contextos sociais, objetivando que o indivíduo se engaje em práticas discursivas de maneira crítica e reflexiva.

Desta forma, a tecnologia tem desempenhado fator de grande relevância quando se refere a práticas sociais, pois a sociedade tem adotado outras posturas de aprendizagens, valendo-se de novos sentidos em uma perspectiva de interação social em que prevalece a utilização da língua para as necessidades de comunicação. Esta afirmação é observada no cotidiano de alguns estudantes de Inglês que, em muitas ocasiões, preferem usar a tecnologia com seus recursos comunicativos para aprimorar suas aprendizagens, desvencilhando-se dos modelos adotados pela escola que se apóiam em estruturas gramaticais, lições pré-estabelecidas e descontextualizadas de suas realidades.

Logo, é importante discutir e apresentar algumas propostas que se aproprie de recursos tecnológicos para contribuir para um ensino de Inglês na escola que se paute no uso da língua para situações reais e que seja significativo para a vida do aprendiz.

3 AS 'NOVAS' TECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM LI

Não se pode negar que as tecnologias vêm fazendo parte da sociedade (MATTOS, 2011), tornando-se imprescindível usufruir destes recursos no contexto escolar para produção de sentido para a vida dos aprendizes. Desta forma, o ensino de LI poderá integrar o uso de ferramentas tecnológicas propondo outros modos de aprendizagens aos estudantes.

Pensando nesta perspectiva, é de relevância que se discuta o papel das ‘novas’ tecnologias concernentes as práticas de letramentos em LI, já que o ensino de Língua Inglesa em seu contexto histórico se mostra mediado por tecnologias (PAIVA, 2008). Porém, neste momento, estes recursos tecnológicos estão assumindo um novo papel na sociedade que precisa ser enxergado pela educação para não contemplar apenas o ensino da gramática e repetição de frases descontextualizadas. Gimenez (2011) interpõe que ensinar Inglês é expandir o olhar para além da sala de aula, percebendo a língua como mediadora de relações entre pessoas de diferentes línguas maternas, não nativas, produtoras e consumidoras de cultura.

Sendo assim, para que o processo de ensino/aprendizagem contemple aulas que não se pautem na homogeneidade e que permita ir além das possibilidades apresentadas em materiais que são ofertados como parâmetros de ensino de LI, sugiro que a escola ressignifique as suas aulas de Inglês e pense em outras alternativas para que a idéia de utilização dos artefatos tecnológicos não seja associada às mesmas metodologias, consideradas para este século, desprovidas de significância.

Partindo dessa premissa, considero importante levar em conta as propostas dos novos letramentos para que o ensino de LI parta de uma perspectiva mais crítica e produza sentido para o aprendente.

4 AULAS DE LÍNGUA INGLESA: o que é possível fazer na escola?

O ensino de LI foi marcado por várias metodologias até chegar ao século XXI. Embora essas abordagens constituíssem uma estratégia para que os estudantes aprendessem a língua-alvo, muitas destas partiam da concepção de que se deveria memorizar regras gramaticais e diálogos para usar o Inglês corretamente.

Diante disto, o ensino de LI na escola trouxe, em sua bagagem histórica, uma visão de que o falante ideal seria aquele que dominasse a língua como nativos. Este pensamento fez com que muitos aprendentes se desestimulassem e vissem esta língua como impossível e sem sentido para suas práticas cotidianas. Estas raízes, apesar de algumas rupturas ideológicas, permanecem na escola. Conforme aponta Fontana e Lima (2006) e Barcelos (2006), os estudos sobre crenças de professores e alunos na escola pública revelam que o discurso é de que não se aprende Inglês na escola. Isso permite abrir um parêntese para questionar o ensino de Língua Inglesa como sendo um processo conflituoso e excludente para muito estudantes.

Neste contexto, é importante considerar que a escola precisa refletir sobre essas questões que envolvem o ensino de LI, valorizando aspectos sociais e culturais para que possa contemplar a realidade dos alunos. Com base na discussão anterior Braga (2007, p.181) ressalta que:

O comprometimento da educação crítica com a construção de uma sociedade mais igualitária demanda ações em duas direções: um acesso ao conhecimento e reflexão social crítica. [...] é necessário ir além do ensino de saberes hegemônicos, e promover, no contexto escolar, uma reflexão social crítica que explicita e problematize as ideologias que apóiam e naturalizam as desigualdades e tensões sociais vigentes.

Portanto, é possível que a escola, com sua heterogeneidade, prepare o aluno para fazer uso do inglês em situações reais, levando em consideração diferentes fatores que permeiam o indivíduo. Um dos aspectos a ser observado pela escola do presente é o uso das tecnologias de informação e comunicação, pois com ascensão das redes sociais formas de se comunicar vêm se modificando e a Língua Inglesa em muitos aspectos tem feito parte do cenário dos aprendizes em contextos de interação diferentes dos impressos pela escola. Braga (2013) entende que as redes sociais e as publicações on-line oportunizam a exposição e o uso da língua-alvo. Sendo assim, a escola precisa se beneficiar deste momento para que o aluno perceba que aprender LI não está tão descontextualizado de suas práticas.

Partindo desta concepção, proponho que as aulas de Língua Inglesa contemplem a formação de cidadãos críticos e reflexivos com ênfase nas propostas dos novos letramentos mencionadas por Monte Mór (2012) e Edmundo (2010). Desta forma, Monte Mór (2012, p.47-48) sintetiza que “as teorias dos letramentos defendem uma perspectiva de ensino de línguas que leve em conta a heterogeneidade, a língua/linguagem em sua diversidade, a visão multicultural, a relevância da visão global e local”.

Neste aspecto, é conveniente ressaltar que a reflexão que pretendo realizar permeará por uma visão de ensino que se pautar na emancipação do aprendiz como ser crítico e reflexivo perante a sociedade, e isso, possibilita trazer ao ápice das discussões a proposta do letramento crítico. Segundo Duboc e Ferraz (2011), letramento crítico se configura não como um método pré-estabelecido, mas como uma postura diante das leituras realizadas a partir do social, podendo então, considerar que o LC propõe uma forma de compreender os privilégios e apagamentos, mas ao mesmo tempo oportunizar contribuições para modificar a realidade vivenciada.

Para esta finalidade, a proposta a ser evidenciada pretende apontar uma possibilidade para ensino de LI na escola, não a compreendendo como um método, mas como uma postura

a ser pensada pelo professor buscando se beneficiar da rede social, *Facebook*. Esta sugestão propõe apresentar como a ideia de letramento crítico pode ser utilizada pela escola para trazer sentido a vida do aprendiz em seus contextos sociais de interação.

5 O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Usar o *Facebook* para o ensino de Língua Inglesa pressupõe uma ruptura com as práticas tradicionais, contudo a sua mera utilização não pode ser entendida apenas como um transportar das aulas para um plano digital (COUTO JÚNIOR, 2012).

Sendo assim, entendo que mesmo os estudantes fazendo uso constantemente das redes sociais em seu cotidiano, não é a tecnologia que mudará a proposta das aulas, mas a postura que o professor desenhará para o processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa que poderá proporcionar práticas significativas para a vida do aprendiz. Para isso, busquei tratar a proposta a ser apresentada posteriormente, não como verdade, mas como algo que se possa refletir e analisar como possibilidade que poderá ser adequada de acordo com cada realidade escolar. A sugestão que faço é de um planejamento que envolva o letramento crítico, instigando a participação do aprendiz de LI em práticas discursivas com uso do *Facebook* em atividades escolares.

Propostas neste sentido se fazem necessárias por considerar que as aulas de Inglês não devem focar apenas nos aspectos gramaticais, mas procurar integrar estas a temas questionadores que poderá contribuir para que a língua seja significativa para as práticas sociais. Neste sentido, será apresentada uma possibilidade de uso do *Facebook* com base em um tema contemporâneo que vem sendo discutido fora do contexto escolar e que poderá ser ressignificado para as práticas de ensino de LI.

A proposta que trago envolve questionamentos sobre o tema corrupção, para tal modelo escolhi o *Modal verb 'Can', Simple Present* e os *Interrogatives Pronouns*. Logo abaixo, apresento o exemplo do planejamento direcionado inicialmente por perguntas que poderão oportunizar reflexão e questionamentos aos alunos do Ensino Fundamental a partir de um *warm-up*, '*Corruption: When does it start? Where does it finish? How can you change this situation?*' (Corrupção: Quando começa? Onde termina? Como você pode mudar esta situação?)

No primeiro momento a proposta poderá ser de criar uma comunidade, 'Nós não queremos corrupção! (*We don't want corruption!*)', no *Facebook* para discutir sobre o tema.

Para iniciar as reflexões, sugiro algum vídeo sobre a temática para ser postado no *Facebook* para introdução das discussões. Alguns questionamentos deverão ser feitos para que os alunos postem seus comentários. Nesse grupo os alunos terão agência para postar imagens, vídeos e textos sobre a corrupção em nosso país e em outros países.

Figura 1 - Imagem retirada do Facebook



A questão da multimodalidade do *Facebook* (imagens, textos, vídeos, sons) poderá exercer relevância para o aluno porque ajudará na reflexão sobre o seu papel de cidadão na sociedade pós-moderna. Na figura 1 apresentada anteriormente traz um modelo multimodal que possibilita ao aprendiz de LI dialogar na língua-alvo em sala de aula ou em comunidades do *Facebook* criada por um agenciador-aluno ou agenciador-professor. Este gerenciamento é conveniente, a partir do instante que se decide fazer uso do *Facebook*, pois o agenciador desempenha a função de provocar as discussões.

A figura 2 propõe novas reflexões que serão abordadas a seguir. Ressalto que esta imagem serve apenas como sugestão, pois cada professor ao escolher suas propostas poderá usar outros símbolos para promover reflexões aos seus aprendizes.

Figura 2 - Imagem retirada do Facebook



A imagem 2, em uma breve análise, poderá representar a luta pela corrupção e ao ser explorado pelo professor de LI conduzirá para vários questionamentos sobre o assunto.

Este tema poderá ser retomado em sala de aula a partir de alguns pontos abordados com foco nos comentários e postagens feitas por alunos na comunidade do *Facebook*. O professor poderá dirigir as perguntas aos alunos e eles respondem em Português ou Inglês de acordo com a proficiência de cada um. Por exemplo: *'What is the corruption?'*, *'When does it start?'*, *'Do you know corrupt people?'*, *'What can you do to change this situation?'*

As reflexões por meio de comentários e as postagens feitas pelos alunos poderão ser compartilhadas para toda sociedade. Esta prática abrirá outras perspectivas para os aprendizes, pois eles estarão se comunicando/questionando e sendo questionados pelo mundo. Tendo uma nova visão fora de seu contexto escolar.

A imagem apresentada abaixo poderá ser utilizada para proporcionar questionamentos para que o aprendiz pense em questões culturais, relacionando a cultura do Brasil com a de outros países.

Figura 3 - Imagem retirada do *Facebook*



Nesta figura 3 o professor tem alternativas para questionar, ‘*How do other countries see the Brazil?*’, ‘*Can we change these ideas?*’.

Desta forma, para que as discussões envolvam mais a sociedade, outras iniciativas poderão ser tomadas conforme sugestões dos alunos e professores, tais como: uma petição online¹ que poderá ser escrita em Português e Inglês para que a sociedade civil do Brasil e de outros países possam participar manifestando-se contra a corrupção, um ato de manifesto com produção de cartazes escritos na língua materna e estrangeira. Este ato poderá articular a imprensa para divulgação na mídia, salientando os objetivos dos aprendizes para tal proposta. Outra sugestão seria se alunos com habilidades artísticas (músicas e teatros) produzissem peças teatrais e músicas para serem apresentadas para a escola ou em mídias sociais. Todavia esta última proposta dependerá de maior habilidade lingüística em Inglês, tanto do professor como do aluno, contudo, não é uma tarefa impossível, pois poderá ser desenvolvida de maneira colaborativa entre os membros aprendizes de LI.

Com trabalhos como estes, os alunos poderão fazer uso da Língua Inglesa em situações reais de interação e participarem criticamente de assuntos que precisam ser discutidos pela escola com o intuito de formar cidadãos conscientes e agentes de seu papel social. Mesmo fazendo usos de estruturas gramaticais, o foco não será a regras, mas a interação proporcionada por meio das atividades realizadas na comunidade do *Facebook*, no contexto da sala de aula e de outras práticas sociais.

Ações como essas demonstram que na contemporaneidade o aprendizado não acontece somente na escola estudando a gramática, por isso o *Facebook* se apresenta como uma possibilidade para que alunos possam construir aprendizagens significativas aprimorando o senso crítico com auxílio do professor.

Portanto, essa proposta foi apenas uma alternativa para que as aulas de Inglês deixem de ser uma reprodução baseada em alguns materiais que estão fora do contexto da realidade do aluno e passe a desempenhar outro olhar, fazendo com que a língua seja usada em seu contexto social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender Inglês na escola tem sido um processo que envolve muitas tensões por parte do aprendiz, pois a ideologia impregnada socialmente se apóia no fato do ‘certo ou errado’ – da língua homogênea. Nesta concepção, o falante ideal deve ser aquele que usa a língua corretamente e por isso os que não correspondem a estes pressupostos ideológicos de se aprender uma LE acabam se excluindo do processo de ensino/aprendizagem por acreditarem que não são capazes de se comunicar e por não verem sentido no estudo da mesma.

Partindo deste pressuposto, as aulas de Língua Inglesa não devem apenas se apoiar em estruturas, mas procurar usar a língua para promover interações reais para a vida do aprendiz em uma perspectiva crítica. Sendo assim, as teorias dos novos letramentos, com foco no letramento crítico explicita esta importância de que o estudante deve participar da realidade que o envolve de maneira crítica e reflexiva buscando agir socialmente.

Na contemporaneidade é importante que se pense em posturas que contribuam para a produção de sentido. Logo, a tecnologia se apresenta como meio do professor ressignificar as aulas de LI, se apropriando de redes sociais, tal como o *Facebook* para ampliar as discussões e integrar o aprendiz de Língua Inglesa com o mundo por meio de práticas discursivas que o faça se engajar criticamente na sociedade por meio de estratégias que não são tão tradicionais no âmbito escolar, todavia precisam ser pensadas para serem agenciadas pela escola.

Desta forma, ressalto que propostas de letramento crítico não devem ser vistas como uma única alternativa para modificar as aulas de Inglês, contudo, é imprescindível que se reflita e proponha sugestões para que o ensino de LI nas escolas não continue sendo associado a fracassos, pois conforme salientam Cox e Assis-Peterson (2008, p.47) desfazer o estigma do fracasso é bem mais custoso do que começar do zero. Portanto, é possível rever as velhas práticas e dar espaço para alternativas que expressem um ensino de Inglês que seja mais significativo para o aprendiz do século XXI.

CRITICAL LITERACY:

a proposal to use *Facebook* in English language classes

ABSTRACT¹

In this article, I intend to discuss and to reflect upon some forms of conceiving the process of English Language teaching/learning by using the social network, *Facebook*, to develop practices in new literacies. In this conception, I present a teaching alternative based on critical literacy and the understanding that English classes should not focus only on grammatical aspects but also social practices, allowing the student to think critically about what is being presented.

Keywords: English Language. Literacies. *Facebook*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes Digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

BRAGA, Denise Bértoli. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In ARAÚJO, Júlio César. **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Cognição de professores e alunos: tendências recentes da pesquisa de crenças sobre o ensino aprendizagem de línguas. In Barcelos A. M. F.; Vieira-Abrahão, M. H. (Orgs). **Crenças e ensino de línguas: foco no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes, 2006, p. 27-69.

COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia. O drama do ensino de inglês na escola pública brasileira. In ASSIS- PETERSON, A. A. de (Org). **Línguas estrangeiras: para além do método**. Cuiabá: EdUFMT, 2008, p. 19-54.

COUTO JÚNIOR, Dilton Ribeiro do. Como seria uma aula com o uso do Facebook? Pensando educações na/com a Cibercultura. **Cadernos de Estudos e Pesquisas**, v. 16, n. 35 jun. 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/4001169/_COMO_SERIA_UMA_AULA_COM_O_USO_DO_FACEBOOK_PENSANDO_EDUCACOES_NA_COM_A_CIBERCULTURA>. Acesso em: 10 set. 2012.

DUBOC, Ana Paula; FERRARI, Daniel Mello. Letramentos críticos e formação de professores de inglês: Currículos e perspectivas em expansão. **Revista X**, v.1, 2011.

¹ Revisão realizada por Marki Lyons (CTLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/revistax/article/view/23056>>. Acesso em: 30 set. 2013.

EDMUNDO, Eliana Santiago. **O ensino de inglês na escola pública sob a perspectiva do letramento crítico**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Linguísticos, 2010. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/24961>. Acesso em: 10 jun. 2011.

FONTANA, Niura Maria; LIMA, Marília dos Santos, (Orgs) **Língua estrangeira e segunda língua: aspectos pedagógicos**. Caxias do Sul: Educs, 2006.

GIMENEZ, Telma. Permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro. In Diógenes Cândido de Lima (Org) **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MAKONI, Sinfree; MEINHOF, Ulrike. Linguística aplicada na África: Desconstruindo a noção de “língua”. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. **O ensino de inglês como língua estrangeira na escola pública: novos letramentos, globalização e cidadania**. São Paulo: USP. Tese de doutorado. 2011.

_____. Novos letramentos, ensino de língua estrangeira e o papel da escola pública no século XXI. **Revista X**, v.1, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax/article/view/22474>>. Acesso em: 30 set. 2013.

_____; VALÉRIO, Kátia Modesto. Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 135-158, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n1/08.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

MONTE MÓR, Walkyria. O ensino de línguas estrangeiras e a perspectiva dos letramentos. In Cristiano Silva de Barros, Elzimar Goettenauer de Marins Costa (Orgs.). **Se hace camino al andar: reflexões em torno do ensino de espanhol na escola**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012, p.37-50.

PACHECO, Mirela Magnani; AMORIM, Simone Silveira. **Percurso histórico do ensino de inglês no Brasil - a abordagem comunicativa e o livro didático do Yázigi**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xicnlf/10/percurso_historico.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica**. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

PEDREIRO, Silvana. Ensino de línguas estrangeiras – métodos e seus princípios. Especialize **IPOG Revista on line**, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.ipog.edu.br/uploads/arquivos/8690e1801f0fee0e80ff9fcb75d14a0d.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SATELES, Letícia Maria Damaceno; ALMEIDA FILHO, José Carlos P. Breve Histórico da Abordagem Gramatical e seus Matizes no Ensino de Línguas no Brasil. **Revista Helb**, Ano 4 n. 4-1, 2010. Disponível em:

<http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=144:breve-historico-da-abobreve-historico-da-abordagem-gramatical-e-seus-matizes-no-ensino-de-linguas-no-brasil&catid=1095:ano-4-no-04-12010&Itemid=13 >. Acesso em: 30 set. 2013.